

DR. OSWALDO GONÇALVES CRUZ

**DISCURSO**

Pronunciado na  
Academia Brazi-  
leira de Letras.



(26 de Junho de 1913)

Dr. Oswaldo Gonçalves Cruz

# DISCURSO

Pronunciado na Academia  
Brazileira de Letras ——

(26 de Junho de 1913)



RIO DE JANEIRO

Typ. Röse — General Camara, 128  
1913



ONSTITUE sempre motivo de prazer o encontrar oportunidade para manifestar reconhecimento pelo que de bem se nos faz. Tanto maiores são esses sentimentos de gratidão, quanto sou o primeiro a reconhecer que razões de especial indulgência foram os moveis dos atos e feitos que motivaram a minha presença hoje aqui.

E' proprio, porém, dos homens não medir a extensão de suas manifestações, já no louvar já no censurar, e tanto mais acerba é a censura e tanto mais acrimônica a inventiva, quanto mais energica, quanto mais intensa, quanto mais exagerada, mesmo, será a reação contraria: a censura se transfigura em elogio, a injuria em louvor, a ofensa em encenso. Tudo isto se deu neste caso concreto por um desses caprichos costumeiros da sorte, que faz mudar a direção da corrente das opiniões. A reação é às vezes mais intensa que a ação, fenomeno, aliás, que a biologia consagrhou numa lei, que de Weigert tomou o nome. Foi por isto que um modesto homem de laboratorio, um trabalhador que só tem o merito de prezar, antes de todas as cousas, a profissão que abraçou, depois de atacado com veemencia, no começo de sua vida publica, se vê elevado à culminancia que hoje atinge — tomando logar entre os que formam a elite da intelectualidade brasileira. Verdade é, que este que hoje se sente feliz em mostrar o fundo do coração, bem sabe, bem sente, que a suprema honra, que lhe é conferida, tem

menos em mira sua insignificante personalidade que os médicos, higienistas e experimentadores abnegados, que abraçando o ideal de que foi ele apenas o porta-bandeira, quizeram acudir ao apelo de Governo previdente e sabio e empregaram o melhor de sua atividade e talento, uns, no libertar nossa pátria de mancha vergonhosa que a entulhou, e outros no lançar entre nós, de maneira sólida, as bases da medicina experimental.

O acaso é um conjunto feliz de circunstâncias fizera com que o mais humilde dentre eles fosse o depositário da força e confiança dos que governavam. Toda a honra, pois, todo o brilho que emana da suprema distinção que ora se concretiza, cabe, em realidade, aos verdadeiros fatores da obra, que a necessidade de sintetizar atribue a quem se aproveita desta ocasião para vos dirigir, Senhores Acadêmicos, um muito sentido «obrigado». Aqui está, pois, quem receberá desta casa todo o brilho que dela emana, e que, infelizmente, em nada poderá contribuir para aumentar aquele que daqui parte e já nos ofusca.

Cabe ao recipiendario de hoje a ardua tarefa, e para ele difícil, de rememorar aqui—o que faz com profunda emoção—o que foi aquele, cuja herança pesada lhe coube nesta ilustre agremiação.

A cadeira de Bernardo Guimarães, onde se sentou Raymundo Corrêa, está de luto e de luto ficará, porque o poeta genial que a ilustrou, não teve substituto. Sua vaga, como acadêmico, foi apenas preenchida.



No julgamento de um autor pôdem ser seguidos dois caminhos: analisar a obra através do indivíduo ou idealizar o indivíduo pelo estudo da obra.

Esta segunda vereda foi aqui a trilhada.

Não logrou, quem vos tem a honra de falar, a ventura de conhecer, em pessoa, a Raymundo Corrêa. Nem puderam mesmo ser utilizadas aqui as idéas que, à simples vista da personagem se costumam formar. Raymundo Corrêa foi julgado por sua obra e pelas informações que amigos seus diletos bondosa e gentilmente quize-

ram pôr a serviço da verdade — pelo que ora se lhes rende o mais sentido preito de gratidão.

A personalidade do nosso biografado será encarada sucessivamente como homem, como juiz e como poeta. Esta ultima separação se tornava especialmente necessária, porque ele assim, em vida, ciosamente a fazia. Não tolerava que lhe falassem em poesia, quando funcionava como magistrado. A esse proposito conta-se, mesmo, um fato interessante que com ele se passou, quando promotor público: Foi procurado certa vez, em S. João da Barra, por certo chefe político, que com ele desejava se entreter em particular: — Contaram-me, doutor — disse — uma cousa muito grave a seu respeito, mas, confesso-lhe, não acreditei. Para tranquilidade minha, porém, desejo ver a verdade surjir de seus próprios labios — e, tremulo de emoção, confuso, receando profilar injúria ou blasfêmia, murmurou junto ao ouvido de Raymundo Corrêa: — Disseram-me que o senhor é poeta, mas eu não creio — repito.

Excusado é dizer que o Dr. Promotor defendeu-se com veemência contra a *ofensa* que se lhe fazia e autorizou o amigo a lançar aos quatro ventos o mais formal desmentido.



A 13 de Maio de 1860, a bordo do vapor *S. Luiz*, na baía de Mangunça, nas costas do Maranhão, nascia Raymundo da Motta Azevedo Corrêa. Depois dos indispensáveis estudos de humanidades, matriculou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, onde, em 1882, recebeu o diploma de bacharel. Abraçando a magistratura, exerceu os cargos de promotor público em S. João da Barra, juiz municipal em Vassouras (Estado do Rio), pretor da 2.<sup>a</sup> Pretoria da Capital Federal, e, finalmente, juiz da 3.<sup>a</sup> Vara Cível do Distrito Federal. Foi Secretário do Governo da então província do Rio de Janeiro, quando Presidente o Conselheiro Carlos Afonso, Diretor de Secretaria e professor da Escola de Direito de Ouro Preto, quando Presidente do Estado o Conselheiro Afonso Penna, Professor e Diretor do Ginásio de Petrópolis, durante o Governo Alberto Torres. Na presidencia Prudente de Moraes foi nomeado adido de legação em Portugal.

6

A bondade formava o traço dominante do caráter de Raymundo Corrêa. Em todos os atos de sua vida, quer como chefe de família, quer como juiz, quer como professor, era a característica desse espírito, que se movia num ambiente que impregnava daquele sentimento. Irritado por vezes, reagiam dolorosamente sobre ele os atos que um transitorio arrebatamento fazia nacer, mas que logo se transfiguravam em fatos que a sua inexgotável bondade exajerava, procurando fazer esquecer aquilo que dali por diante lhe era motivo de constantes neuralgias d'alma. Sofria, e, com carinhos inexcedíveis, procurava esquecer o mal, que, por arrebataamento de um instante, pensara causar, magoando a quem quer que fosse, amigo ou não.

Impressionável em excesso, tudo se lhe aumentava e sofria mais que outros, de causas em apariência insignificantes.

Tinha verdadeiro pavor das molestias contagiosas, não por si, mas pelo perigo a que ficaria sujeita sua família.

Certa ocasião, de caminho para Ouro Preto, teve que pernoitar na Barra do Pirahy. Ao chegar à cidade encontrou-se com um doente, que lhe informaram estar atacado de varíola. Perdeu imediatamente toda a alegria, ficou pensativo, indagava dos amigos o que sabiam sobre a sintomatologia inicial da terrível peste. Não se alimentou e ao se recolher ao aposento, em casa do amigo que o hospedava, mostrou-se inquieto, desascocegadão, o que naturalmente provocou interpelações: — se lhe faltava alguma cousa, se de algo carecia? Ao que, timida e veladamente Raymundo Corrêa respondeu: que nada lhe faltava, que estava bem, mas que desejava saber, caso se sentisse mal à noite, de que recurso deveria lançar mão para chamar alguém. Não havia instalações de campainhas eléctricas, nem de telefones internos. Deram-lhe uma bengala e convencionado ficou que, se cairesse de alguma cousa no correr da noite, deveria bater com o bastão de encontro ao soalho até que o atendessem. Ficou assim convencionado, e, como a noite já ia adiantada e o cansaço convidava ao sono, retiraram-se todos para os aposentos que lhes estavam reservados. O silêncio invadiu a morada, os écos da conversa de ha-

7

pouco desapareceram nas espaçosas salas da casa de campo. Mas, se houvesse alguém despertado, este teria ouvido passos abafados no quarto de Raymundo Corrêa. O poeta não dormia, embora extenuado por longa viagem. A vela continuava acesa. Contava as pulsões, sentia a cabeça a estalar, estava nauseado e torturava-o intensa dor de cadeiras. Não havia dúvida, era a sintomatologia da varíola de que lhe tinham falado. Estava febril, a incomodar os amigos, mas paciencia; se o não fizesse, não se trataria a tempo e infetaria a família querida e os amigos dedicados. Às 3 horas da madrugada, toda a casa despertava com o bater repetido da bengala de Raymundo Corrêa sobre as taboas do soalho do quarto. Acudiram pressurosamente os amigos e difícil foi convencer ao impressionável poeta que as dores de cadeiras eram muito naturais, após tão extenuante viagem, que a céfala era fatal com tão longa viagem, e a preocupação era justificativa mais que razoável para as acelerações do pulso. Que se acalmasse, a impressão podia fazer com que suas resistências naturais sofresssem e poderia enfão adoecer e, desta vez, seriamente. Com os bons argumentos de que a boa amizade sabe sempre lançar mão, voltou o socorro áquele espírito impressionável, que vibrava sempre as menores solicitações.

A indecisão constituía outro traço de seu temperamento. Mas é a indecisão lojica argumentada, é a consequencia de trabalho cerebral meticoloso, que analisa com cuidado antes de resolver, e que sofre quando, por motivos imprevistos, a analise não pode ser completa e quando se convenceu de que a resolução era ainda passível de modificações.

Recorda-se um fato da vida de Raymundo Corrêa, que vem de modo grosseiro, embora, mostrar a que ponto levava a minúcia da analize, mesmo nos casos mais simples da vida diária. Recolhia-se Raymundo Corrêa ao lar, de volta de excursão que fizera, em virtude de desempenho de obrigação do cargo que exercia. Poucos minutos faltavam para a partida do comboio. Quiz adquirir um par de calçados para pessoa de família. Pressuroso, um amigo o levou à casa mais proxima, onde se podia encontrar o objeto desejado. O negociante trouxe a coleção completa do que possuía. Todas as cores e de-

las os matizes mais varios estavam representados. Tratava-se de escolher. Começou a dificuldade. Foram abandonadas, lentamente, uma a uma, diversas cores, e a escolha teria que se fazer, finalmente, entre o vermelho e o azul. O trem dera o primeiro sinal de partida e Raymundo Corrêa fazia passar as cores escolhidas pela fieira de seu julgamento de poeta. O vermelho — dizia — tem a cor do sangue e o sangue é a vida, é com ele que a natureza tiniu os labios da mulher; vermelho era o cravo provocante da Carmen sensual, vermelha era a toga dos Romanos, e a purpura cardinalícia; e uma cor evocativa de vida, de vigor, de glórias passadas e de horas atuais. Decidir-se-ia pelo vermelho... Mas não, — vermelho é o sangue que do inocente faz correr o assassino, é a papoula que simboliza o sono eterno, vermelho é o véu que envolve a colera e a peste — vermelha é a variola. Não, vermelho nunca — prefiro ainda o azul, que é a cor do céu, que é o matiz dominante das azas das nossas borboletas, azul é a miosote expressiva da lenda do Rhenô e que agora bem traduz a intenção de meu pensar. O trem dava sinal de partida, o calçado foi envolvido às pressas num pedaço de jornal. Após a escolha, o poeta, que se conservara mudo e pensativo, tomava rápido o trem, já em movimento, sem mesmo se despedir dos amigos. Eis que, nervoso, ele assoma à janela de um dos vagões, e os amigos, que esperavam o adeus, que se não dissera e a despedida que se não fizera, viram ao longe Raymundo Corrêa, que, agitando o embrulho, gritava-lhes: «Antes tivesse trazido os vermelhos!»

Tinha por habito forçar a inspiração com uso de excitantes cerebrais. Veiu a molestia e os medicos proibiram o uso deles; quando se tratou, porém, do fumo, Raymundo relutou: «Se deixo de fumar, deixo de cantar — dizia — e não cantando sei que mais rapido morrei»; e não deixou de fumar, e, poeta, morreu cantando, reclinado sobre o seio da esposa amantíssima, de volta de passeio ao evocativo jardim das *Tuilleries*.



Foi para Raymundo Corrêa enorme tortura quando certa reforma judiciaria veiu estabelecer o julgamento

de alguns crimes pelos juizes singulares. Teria, por si só, de resolver da sorte e da liberdade de individuos, visto que fôra investido das funções de pretor, a quem competiam julgamentos tais. O menor pleito judiciário era para ele verdadeiro caso de conciencia. Pesava todas as circunstâncias, procurando sempre se apegar áquelas que fossem atenuantes, quando não podia encontrar-as dirimentes. Sabia pelo estudo da historia da criminologia, que as provas materiais, mesmo as que parecem mais nitidas, mais eloquentes, podem não valer cousa alguma. Ciente estava que seu julgamento podia, simão destruir a vida, ao menos aniquilar a honra de um indivíduo, ou, o que é mais, de uma família. Quando tinha de se pronunciar de modo categorico, o nosso *bom juiz* sofria, torturava-se e sempre que possível era, absolvia o reu. Naturalmente, se assim o fazia, é que, mesmo nos casos patentes de crime, se tinha podido apegar a uma dessas nugas que a pragmática forense exige, e cuja não observância pode tornar nulo o processo ou insubstancial a ação judicial. As ajitações intimas que se desencadeavam no cerebro e coração de Raymundo Corrêa eram verdadeiras procelas. Muitas vezes, a razão votava condenando, mas o coração absolvia e nesta dificilíssima conjuntura, em que espíritos menos perfeitos vacilariam em se resolver ou pelo cerebro ou pelo coração, o nosso juiz encontrou a fórmula verdadeiramente milagrosa, ditada pelo coração com pleno assentimento da razão e que deve servir de norma, de roteiro para aqueles que têm de exercer o dificílimo mistér de julgar e punir. Raymundo Corrêa, com sua inteligência primorosa, com sua cultura jurídica perfeita, sabendo a fundo o valor das leis, o porqué e o para quê foram elas feitas, pensou — e pensou muito bem — que o juiz não deve ser um automato, que se não deve cinijr exclusivamente ao texto escrito, senão interpretar e aplicar, com inteligência e bondade ao caso concreto as disposições legais correlatas.

Assim, pensava, que o castigo, a punição e o público vexame só valiam como tais. Para certos espíritos, essas medidas eram contraproducentes; obrigavam a seguir sempre pelo caminho do mal, individuos que, dotados de bom temperamento, foram vítimas de reflexo de momento, que fez com que incidissem em penalidades

dos códigos, tornando-os eventualmente delituosos. Ora, observou Raymundo Corrêa, conhecedor como era da psicologia humana, que para tais pessoas mais valia que se lhes reconhecendo o crime, não se lhes dêsse o público castigo, a que tinham feito jus, segundo a lei escrita. Absolvia. Com um apelo em regra aos bons sentimentos que restavam, e, por vezes, sobravam, entregava o criminoso de novo à sociedade, cobrindo-o com o seu protetor da bondade. Com o estímulo que fazia aos bons sentimentos, desperfava-os e, assim acariciado, e preso pela gratidão, fazia bom e útil tal indivíduo, que num desvario de momento se tornara criminoso, ou a tal outro, que mal orientado na vida, sem o apoio de palavra ou conselho amigo se constituiria, quasi incipientemente culpado, ou ainda aquele que, vítima da injustiça humana, se fazia criminoso por vindita contra uma sociedade toda cheia de falhas e que se arvorava em puritana para torturar os intelectos que por desgraça momentanea ou pelo mau entender do que seja a moral social, se tornaram criminosos. Em casos tais, Raymundo Corrêa absolvia ainda. Dada, porém, a liberdade em público e para o público, chamava em particular o delinquente a seu gabinete e, portas a dentro, a sós, com os ferrolhos corridos, sem testemunhas, exprobava forte e dolorosamente o criminoso, mostrava-lhe as bases fundadas que tinha para condená-lo e, com a lojica acochadeada de bondade, com a sua palavra meiga, com seu espírito de poeta, fazia um pedido, solicitava, implorava ao infeliz que abandonasse o mau trilho em que se metera. Dizia que lhe dera a liberdade em troca da promessa formal, que estava certo de obter, de que não reincidiria na culpa e que se tornaria cidadão prestável. Acabava sempre solicitando que não consentisse que a sociedade o acolmasse, a ele, de juiz injusto e máo, que abria as prisões para soltar no seio da sociedade os criminosos, quais outras feras destinadas a destrui-la. E os argumentos calavam fundo e, não raro, as lagrimas que corriam aos pares dos quatro olhos que se fitavam eram o selo do pacto que tacitamente se firmava... e a sociedade lucrava um elemento tão que a ela de novo se assimilava como quantidade util e produtiva, e o juiz sentia o indizível prazer do dever cumprido, satisfazendo plenamente sua

consciencia, ao passo que o coração se dilatava concio de ter efetuado obra meritória.

E assim eram os julgamentos de Raymundo Corrêa.

E' indubitavel que não faltam espiritos irredutíveis que julgam que a espada de Themis deve ser massiça, pezada e inflexivel, que não pode ter a maleabilidade do florete, que é preciso ferir sempre fundo no coração e não pode provocar arranhadura compativel com a conciliação. Espíritos ha que pensam que o crime, quando crime existe, só encontra remedio nos formularios dos códigos e que só estes são capazes de trazer a cura para essa molestia social. Se assim fosse, não havia mister de juizes. Bastava que se encorresse ao inexgotavel genio inventivo dos Americanos do Norte certa maquina, destinada a fazer julgamentos, e em que se entrasse com o fato arguido de criminoso e os artigos do código. Qualquer operário boçal daria á manivela e a pena seria distribuida pelas entrôsas do maquinismo.

Não é essa a função do Juiz e nem ha código possível que pretenda encarar todas as faces do problema, tão multifaria é a psicologia humana. Os códigos são sómente instrumentos grosseiros para avaliar os fenomenos psicolójicos. Devem consignar as oscilações maxima e minima a que pode ser levado o espírito do Juiz, mas não devem constituir aparelho de precisão para medir delitos e distribuir justiça. Os remedios que aconselham, por mais anôdinos que pareçam, são por vezes recursos ultimos e ainda muito grosseiros e de que os Juizes só devem lançar mão como medidas supremas e que, praticamente, devem dormir na gaveta dos que julgam. A persuasão, as boas palavras, a convicção, a tolerancia bem entendida e ampla, o exemplo e a justiça que na balança de julgamento use como peso a bondade e a clemencia, colocando-se sempre, no julgar, o Juiz na posição do réu, eis as boas normas que devem seguir aqueles a quem é confiada a dificilissima tarefa de julgar, e a mais difícil ainda de punir.

Esse modo de encarar a justiça no julgamento das culpas, quando abandonado, deu por vezes lugar a resultados verdadeiramente desastrosos. Se folhearmos a coletânea criminolójica vemos que muitos dos criminosos

celebres se tornaram tais como represalia á injustiça de que foram vítimas por ocasião da primeira culpa. Muitas vezes era esta perfeitamente justificável e sobre ela bem se poderia deixar cair o esquecimento. Assim, menos criminosos e mais homens proveitosos haveria na sociedade. O tipo do "Plumitas" o bandido celebre, temor da Hespanha, tão bem estudado por Blasco Ibañez em seu livro *Sangre y Arena* é, um desses monstros sociais, filhos da injustiça humana. O genial Victor Hugo encarna na figura simpática do tão bom quão infeliz *Jean Valjean* a vítima dos Juízes que só julgam pela razão. Essa maneira de interpretar a Justiça concretizou Hugo ainda na figura mesquinha, de horizontes limitados, do impoluto executor da Justiça humana, *Javert*, que preferiu a morte a analisar á luz serena da bondade a decisão dos Tribunais que condenou ao carcere *aquel que furtou um pão*.

De monstros, filhos da maneira ilojica de distribuir a Justiça, estiveram e estão ainda cheios os sertões de nosso paiz.

Os sertanejos honestos, de hontem, hoje cangaceiros criminosos, por vingança, acham por ignorância de nossa moral social, que castigar o indivíduo que os injuriou é ato meritório, não passível de pena. Punidos, preferem romper com a sociedade e se tornarem bandidos. Assim suriram o Jesuíno Brilhante e o famigerado José Antonio, do Fechado, no Ceará, e o terror atual dos nortistas, Antonio Silvino, que ainda hoje rega de sangue os sertões adustos dos resquícios Estados do Norte do Brasil. O ponto de partida da vida ensanguentada dos cangaceiros foi quasi sempre um desses rígores mal interpretados na aplicação da justiça em crime inicial, passível de tratamento que entre nós instituiu o juiz-poeta, que foi Raymundo Corrêa, que tão bem soube aliar os ditames da razão aos do coração, sem bordinar um ao outro.

Com a pratica desses sãos princípios as penitenciárias teriam menos habitantes e a sociedade lucraria outrora tantes elementos de utilidade... Quando muito, haveria mister de mais alguns logares nos manicomios: são os casos incuráveis.

As idéas diretrizes dessas considerações já impressio-

naram certos paizes, como a França, que fez incluir nas suas leis a denominada *lei Béranger*, que só dá a condenação moral sem exigir o cumprimento da pena aos que, gosando de bons antecedentes, cometem a primeira falta. E' o reconhecimento, de um lado, da falibilidade da Justiça humana, e de outro lado, da confiança no estímulo ás forças de rejeneração do caráter dos culpados.

As consequencias praticas desta benefica lei não têm ainda o alcance considerável da solução que ao problema deu entre nós Raymundo Corrêa, que absolvia publicamente e condenava em segredo e juntava, assim, no seu condenado todos os sentimentos íntimos e esparsos que formam o *brio* e obtinha a cura do seu doente moral.

Naturalmente, o sistema de terapeutica jurídica de Raymundo Corrêa não pôde ser substanciado em lei, é uma ação personalíssima: o remedio é o Juiz. Seria necessário que desaparecesse: 1º o julgamento pelas coletividades como o «júri» — teoricamente instituição admirável, na pratica pessima — que 2º, todos os julgamentos fossem feitos por juízes singulares que deviam pautar seu proceder pelo do inolvíavel Juiz que foi Raymundo Corrêa, o medico leigo dos espíritos, que mais fez, absolvendo, que os outros condenando.



Raymundo Corrêa sentia-se melhor escrevendo o verso do que a prosa. Sás escassas até as pajinas que deixou não metrificadas. Não obstante, quando se tratava de amigo, não trepidava em abandonar a lira e, polemista vibrante, saia a campo, como por exemplo se deu quando tomou a defesa de Valentim de Magalhães contra a critica do romance *Flor de Sangue*, critica que lhe pareceu má e injusta. Ou, então, em sentidos periodicos, escrevia em prosa admirável a biobibliografia de Lucindo Filho, seu companheiro e amigo querido.

Primeiros sonhos — Symphonias — Versos e Versões — Alleluias e Poesias. — Pelas pajinas desses livros do mais formoso lírismo Raymundo Corrêa, em aperfeiçoamento gradual e progressivo, deixou gravadas em versos burilados as vibrações de um espírito de es-

cól, onde a idéa não é sobrepujada pela forma, nem a forma é sacrificada à idéa.

Nos versos de primorosa beleza onde o sentimento artístico enleva e a pureza de estilo encanta, não se encontra, como norma, o fraseado nebuloso e o escrever arrevezado que caracterizam o estilo falso, afetado, absurdo e gongorico. O poeta quiz mostrar que, se não adotou esse modo de escrever, fizera-o por estética e não por desconhecer o, e a prova está na *Ode parnasiana* onde, na feitura dos versos primorosos em que a Musa, atendendo a sua evocação :

« *Em rapto audaz, nas remiges possantes  
transporta o meu ideal* »

usou de termos empolados e alambicados, abandono-  
nando o vocabulário simples e sonoro que constitue,  
entre muitos, um dos encantos da poesia de Raymundo  
Corrêa.

A obra de nosso poeta é um hino constante ao « Belo », quer a beleza se encarne na mulher — a obra prima da Natureza — quer se concrefize na paiza-  
jen encantadora com que o Creador dotou este nosso  
recanto abençoado do mundo, o Brasil. E no cantar a  
Mulher — mãe, esposa, filha, ou amante — ou no cantar a  
Natureza — céu, luz, flor ou verdura — fez vibrar tão intensamente os sentimentos amorosos, que bem podemos cognominal-o: « o poeta do Amor ». E todo esse encan-  
to que nos deleita o espírito e que nos faz palpitar de  
emoção está envolto em tenue bruma de doce melancolia que nos vem trazer suave repouso ao espírito quanto-  
do se empolga de entusiasmo, vibrando fortemente em  
unisono com as harmonias que se desprendem das pri-  
morosas estrofes de nosso Benevento do verso.

A obra poética de Raymundo Corrêa é o evangelho do Amor, sentimento delicioso, que ele estuda sob todos os aspectos. E' o Cântico dos canticos. A força indomável surje no *Éterno amor* e, ao nacer, já é tão forte que resiste à colera divina. E' o amor de nossos primeiros pais que, surpreendidos aos beijos e ais no Eden pelo « *Bíblico Deus, severo e rigoroso* », sofre o castigo desse Deus que « *sobre ambas a dextra vingadora estende* ». Arrependem-se os culpados, mas o amor, que nace,

não finda « *pois o par amoroso se arrepende de ter amado, mas... amando ainda* », e assim naceu o primeiro amor com o primeiro casal que veiu á terra. E o sentimento que surgiu tão cheio de viço, vigor e força se foi alastrando pelo mundo: afora e resurre cada dia, ou na donzelha que como *Jessica* ao sair do ninho, espera o Romeo que lhe venha beijar « *a purpura em flor dessa pudica boca* » ou quando incandece de desejos o adolescente, que nas *Primeiras vigílias* sente o fervor de paixões no peito e, a gemer, exclama: *abeirai-vos de meu leito, ó sensuous visões da adolescência*.

O amor desabrocha vai crescendo em cada um — porque o Amor é unico, mas só vive em dous. Já nos idílios do *Madrigal* suas metades se procuram.

E o amor criança se torna adolescente e vai progre-  
dindo, criando raízes e como a liana de nossas florestas  
enlaça os entes que se aproximaram e já no *Passeio matinal* o apaixonado lança o convite á sua bela para  
que desperte e venham fazer juntos o passeio matutino « *canlando e vindo pelo bosque afôra* », e com almas tão unidas que ele já não sabe *qual seja a tua nem qual seja a minha*. O amor se fortifica, cresce a olhos vistos. Na *Missa da resurreição*, Raymundo Corrêa nos leva em madrugada de Abril, através de nossas perfumosas mata-s, onde a natureza ainda mal desperta se estremunhava nas frondes. Os jasmims aclaravam a trilha por onde passava a Emma querida, embuçada na capa que a envolvia toda e de tal modo que unicamente:

“Dous olhos de azeviche enamorados”  
“E a ponta dum nariz mimoso eu via”.

As arvores sonolentas despertavam e os ventos se remexiam :

“Pelos bambus em bamboleios lentos”  
“E na espatha e nas palmas dos coqueiros”

Assiste-se ao romper da aurora, ao partir garrulo das aves que entoavam seus hinos amorosos forne-  
cendo o “Leitmotiv” do amor que era secundado pelos

fulvos enxames zumbidores dos besouros, das moscas, maribondos e vespas.

Pintando com as cores as mais adequadas o amanhecer de nossos brilhantes dias de Abril, prolonga o poeta o passeio para prolongar o enlevo amoroso com a bem amada, que chega à igreja, já finda a missa da Ressurreição, quando “*as gyrandolas rapidas roavam*” e “*da igreja ondas de povo borbotaram*”.

A evolução do amor pelos diferentes estádios da vida humana é estudada progressivamente. Raymundo Corrêa nos faz presenciar a cena do casamento de “*Zulmira*”, e mostra-nos o amor paterno na dor dos pais ao se separarem da filha querida que era o mimo, a frescura, a mocidade.

E como epílogo do amor puro que Raymundo Corrêa cantou desde a origem até a realização do casamento que une com os vínculos sociais e religiosos os amores amadurecidos, então o poeta o hino à maternidade na sua bela poesia “*Fantina*”.

E continuó a cantar o amor. Mais tarde, quando a existência começa a bruxolear e os desenganos a envenenarem a vida, o velho de cabelos brancos já despido dos belos sonhos e ilusões da mocidade ainda sente palpitar no peito o amor da neta, em que vê resurir duas vidas. E a “*Luzininha*” garrula e ridente ameiga como um alívio

*“O avô-ancião de rosto austero e duro”*  
*“De níveas barbas e cabello níveo”.*

Mas o amor não vive livremente. Parasitos se prendem á arvore em que frutifica, atrasando-lhe o desenvolvimento, fazendo-a definhar e matando-a, mesmo. A desilusão, a traição, o ciúme, o ódio são todos cantados sentimentalmente nas deliciosas estrofes de: “*Soror pallida*” — “*Vultus*” — “*Missa aldeâo*” — “*Beijos do céo*” — “*Continuo*” e... e tantas outras perolas desse escrínio inegualável que é a coletanea poética de Raymundo Corrêa.

Mas toda essa obra é coberta de nevoeiro diafano de melancolia, que ora se condensa, em lagrimas suaves como nas “*Peregrinas*”, ora, como nas “*Pombas*”

envolve os sonhos que celeres voam e “que ao coração não voltam mais”, ora amortilha a mocidade que, como no “*Vinho de Hebe*”, passa por nós “e não torua atraç o seu caminho”.

Outras vezes vai até o fundo do coração e da “*alma, esponja de lagrimas e fel*”. A “*estreluta funesta*” das “*Harmonias de uma noite de verão*” envenena o espírito que sucumberia se “uma alma compassiva” não fizesse que todos os males se cristalizassem na dor que distilada no coração deu a lagrima consoladora que tremula e reluz. “*Sobrio do coração, dos olhos vai cair*” e se transforma em prantos, ultimo alívio de quem chora e que leva o nosso poeta a bermidizer a dor que pôde, como no “*Balsamo dos prantos*”

*“Na aridez desses olhos sempre enxutos”*  
*“Duas fontes de lagrimas rasgar”.*

E saudades, e esperanças, e desilusões, e temores se sucedem e se entrecocam nos versos maviosos e formam a essência desse véu, brumoso tecido de tristeza que envolve a obra mascula do “poeta do Amor”.

Mas Raymundo Corrêa é brasileiro, naceu na terra que a Natureza dotou com as maiores belezas que se conhecem e que imaginar se podem. Por isso, poeta — exímio pintor — que sabe dar com a pena os coloridos vivos e quentes de nossa natureza, traçando as mais belas paisagens de nossa terra; cenógrafo incomparável — emprestou ao colorido de nosso céu, às infinitas variantes de nossa verdejante vegetação, as cambiantes de nossos incomparáveis crepusculos o cenário em que canta o poema inexgotável do Amor, acompanhando-o das sinfonias compostas do sussurro de nossas fontes, do cantar dos nossos passaros, do siciar das brizas pelas frondes dos coqueirais. Tudo nos faz cair em místico panteísmo diante do esplendor de nossa natureza e de nossa poesia.

Na tecnica do verso Raymundo Corrêa foi de admirável correção. Seus versos de utilidade pasmosa

não são forçados e correm da pena facéis e cheios de graça e de belezas outras, que não exclusivamente a da fórmula métrica.

Soube, com um malabarismo admirável dos vocabulários, tirar deles efeitos surpreendentes. Usou das figuras por contraposição com elegância e parcimônia. Colocava um ao lado de outro, termos de contraste que se realçam mutuamente e que dão maior destaque à ideia a que servem. Outras vezes, na sucessão dos vocabulários vêm-se confidir idéias antagonicas com o mesmo intuito de fazer ressaltar a ideia diretriz. Lembra a feitura desses versos, a aplicação das leis dos contrastes simultâneo, sucesivo e mixto das cores, de que o imortal Chevreuil soube tirar tão grande partido e cujas leis estabeleceram em bases tão científicas. Esse modo de empregar palavras que nos fazem a impressão de serem coloridas, nos dá a ideia da disposição conjunta das cores complementares que nos proporciona as harmonias do contraste e se fazem sobressair mutuamente dando mais vida ao assunto tratado. E' como a colocação lado a lado do vermelho e verde, do alaranjado e azul, do amarelo e violeta, etc.

Pode-se afirmar que poucos em nossa língua levaram mais longe o apuro do verso. Seus descalabros e redondilhas, principalmente, são de inexcedível perfeição. Muito poucos são os poetas que, como ele, souberam variar ou deslocar nos versos as pausas, por necessidade de melhor expressão ou por quebrar a monotonia do ritmo. O emprego parcimonioso e artístico do transbordamento (*enjambement*) é outra de suas admiráveis qualidades.

O adaptar com precisão o vocabulário à ideia ou sentimento a exprimir, o acerto dos epítetos, fazem Raymundo Corrêa, neste particular, emulo digno de Garção e Tolentino, em cujas poesias, raro se poderá substituir com vantagem, por outro, tal verbo ou qualificação. Suas rimas, nunca vulgares ou pobres, têm excelsa nobreza. Sente-se que elas nasciam sem esforço e já opulentas e belas, esmaltando, quais gemas preciosas, suas estrofes inimitáveis, verdadeiras joias celiancas.

Havia em Raymundo Corrêa um poeta que, se es-

crevesse na língua que adotou Heredia, seria capaz de ter produzido a coleção dos *Trophées*; mas ai estão suas *Poesias*, para encher de patriótico orgulho os que falam a suave língua que embalou a nossa infância.

Quanto à escola poética, era sincero e fervente entusiasta do parnassianismo francês, como aliás consta da profissão de fé exarada no prefácio da primeira edição das *Poesias* e como se manifestou praticamente na execução de sua obra poética.

Relanceemos por essa escola e vejamos quais os estadios de sua aclimação nos países de língua portuguesa, mórtemente no Brasil.

Em 1865, em Pariz, certo numero de poetas novos rimava, obedecendo à orientação de alguns nomes que tinham conseguido primazia entre eles.

Eram mestres: Leconte de Lisle, em torno do qual se grupavam Sully Prudhomme, J. Maria Heredia, Armand Silvestre e Leon Dierx. Outros obedeciam à orientação de Catulle Mendès, o poeta proteu, o rei do simil, o corriápiao da literatura, que ora tornava a pompa de Victor Hugo, ora se confundia com Gautier, na admirável memória dos vocabulários, ora se tornava encantadoramente diabólico como Beaudeilaire, ora era Heine na sua divinização morbida da mulher, ora Zola no seu realismo por vezes revoltante. Catulle Mendès fundara a *Revue Fantaisiste*, em que publicaram seus versos Fr. Coppée, Albert Glatigny, Villiers de l'Isle-Adam, Mérat e Vallade.

O livreiro Lemere, que se fizera editor do jornal de Louis Xavier Ricard, intitulado *L'Art*, entrou em acordo com os representantes desses diversos grupos de poetas, que se afastavam francamente do velho romantismo que até então preponderara na poesia francesa, e lembrou a ideia de se fazer da revista um repositório poético como os que se encontravam no século XVI. Publical-o-ia em fascículos, que pudesssem ser ulteriormente reunidos em volume. A ideia foi aceita, e, discutindo-se o título da nova revista acordaram em que se lhe desse a denominação de *Parnasse contemporain*, como cartel atirado aos críticos. Com efeito, a este nome *Parnas-*

se a poesia do século XVIII e do Império tinha afivelado a idéa do ridículo.

O novo jornal de arte poética deveria ser para a poesia, segundo o desejo de seus fundadores, o que o *Salon* era para a pintura. Fundado o *Parnasse contemporâneo*, em 1866, nele começaram a aparecer os versos das escolas reformistas de Leconte de Lisle e Catulle Mendès, e mais os de outros poetas que se grupavam em torno dos nomes de Th. Gautier, de Theod. de Banville, de Ch. Beaudelaire. Todos eles se tinham reunido ali sob a eje e à sombra do grande carvalho da poesia francesa: Victor Hugo.

O *Parnasse contemporâneo* se apresentava como reformador e, como tal, logo alvejado pelos mais acerbos ataques. Foram, então, os poetas que nele colaboravam intitulados pela crítica mordaz de *parnasianos*, vocabulário que corria nos dicionários da época como significando *fabricante de versos ridiculos*.

A escola que então se instituía, se apresentava sobre tudo, como vestal do estilo, ciosa antes de mais do ritmo e da beleza plástica do verso. Era o renascimento poético, sucedendo ao romantismo exgotado. E como a fórmula correta e a pureza do estilo constituiam preocupação capital da nova escola, foram os seus adeptos cognominados pejorativamente de *estilistas*, *formistas*, *fantaisistas* (atéus à *Revue fantaisiste* de onde tinha tomado uma de suas origens).

O ridículo, lançado sobre os novos, cairá no domínio do povo. A cousa chegou a tal ponto que, conta Catulle Mendès: Por ocasião de atropelo de carros em certa rua de Pariz, um dos cocheiros que se disputavam — porque disputar é próprio dos cocheiros de Pariz — depois de ter esgotado o enorme vocabulário de insultos populares atirou a seu adversário vencido, essa injúria suprema, contra a qual não havia a retorquir: «*Parnassien, va!*». E assim eram tratados os parnasionistas, que, segundo Catulle Mendès, só tinham o crime de não ignorarem completamente a sintaxe francesa e se deleitarem com o som das boas rimas.

Pouco a pouco os poetas do «*Parnasse*» se foram dispersando e readquirindo liberdade, formando escolas outras. Dentre os talentos mais originais, que momen-

taneamente se tinham grupado em torno do programa da nova revista e que se foram libertando para constituir novos centros, cumpre citar Ch. Beaudelaire, Sully Prudhomme, Fr. Coppée, Stephane Mallarmé e Paul Verlaine. O evolver destes dous últimos teve repercussão especial e imprimiu grande força sobre a direção do recente movimento poético francês, a que pertencem os poetas a que se tem dado sucessivamente as denominações de *decadentes*, *delíquecentes* e *simbolistas*.

E foi assim que se oriñou a *escola parnassiana*.

Ao mesmo tempo que em França se fazia a reação a favor da forma e do estilo, em Portugal igual movimento se processava.

Antonio Feliciano de Castilho, em carta que dirijiu ao editor do livro «Poema da mocidade», de Pinheiro Chagas, acusa de faltos de bom-senso e bom gosto os literatos que, em Coimbra, se tinham filiado ao grupo capitaneado por Anthero do Quental, Theophilo Braga e Vieira de Castro.

Essa carta deu inicio á denominada questão coimbrã — 2 de Novembro de 1865. Ao escrito de Castilho, que contava então 60 anos, responde Anthero do Quental, que tinha apenas 25, com outra carta intitulada «Bom senso e bom gosto.» Ai se faz o mais agressivo ataque ao aincão ilustre. E' acusada a escola lisboeta, de que era chefe Castilho, de não ter idéas e de não serem seus adeptos senão «*adoradores da palavra que ilude o vulto e desprezadores da ideia que muito custa e nada luz*».

São os lisboetas considerados «*apóstolos do dicionário que têm como evangelho um tratado de metrificação*». Anthero do Quental julga que o ataque da escola de Lisboa não visa á escola coimbrã, senão «*a independência irreverente dos escritores que entendem fazer por si seu caminho sem pedirem licença aos mestres, mas consultando só o seu trabalho e sua consciência*».

Assim se travou em Portugal, no terreno literario, uma das mais apaixonadas lutas em que, de parte a parte, houve os maiores excessos de linguagem e injustiças de julgamento. Não cabe aqui assinalar os marcos desta luta que envolveu quasi todos os literatos da terra de nossos antepassados e nem se pretende fazer alusão

aos numerosos folhetos e pasquins que então se publicaram e onde corre o fel de discussão envenenada e agressiva.

Lisboa se batia pela fórmula, pelo bom estilo, pela simetria, pela beleza da língua. A escola coimbrã achava que a idéa sobrepuja a tudo, mesmo quando era nebulosa e exposta em estilo falso e afetado. E o era de tal modo, que Bulhão Pato, a ele se referindo dizia, que uma das maiores provas do absurdo daquele estilo é que para o defendem precisam de o abandonarem.

A refrega continuou e nela tomaram parte saliente, além de outros, Pinheiro Chagas, Julio de Castilhos, Camillo Castello Branco, Theophilo Braga e Ramalho Ortigão. O resultado favorável não tardou em se manifestar e as letras portuguésas só tiveram a lucrar.

Foi por volta de 1880 que aqui no Rio, se reuniam no antigo Café Cruzeiro, alguns talentos que se tornavam promessores das celebridades que hoje nos honram, para ouvir as impressões e a palestra acerca daquele que transplantou para o Brasil o parnasiânismo francês, e que aqui fez a sua aclamação. Arthur de Oliveira, que privara na intimidade dos que frequentavam a redação do *Parnasse contemporâneo* e que se identificara com as idéias diretrizes da escola, referia a nossos jovens poetas como os parnasiânicos intentaram estabelecer na França o culto da fórmula, como se trabalhava ali no burlar do verso, como se afinava a pena para obter a música dos sons, como se combinava a sílaba aguda à grave na harmonia dos vocábulos. Prelecionava com entusiasmo sobre a composição do verso, sobre a maneira de vestir a idéa com graça e donaire, e não deixava a andrajosa e analfabeta. Foi aí, nesse café, que se acrisolou entre nós o núcleo dessa poesia artística onde os novos admiravam e pensavam fazer no verso o que na estatária fizera o immortal autor do *Persé*, que enriqueceu a «Loggia dei Lanzi», na capital artística da artística Itália.

Nessas palestras, Arthur de Oliveira relatava a emoção que experimentaria quando foi apresentado a Victor Hugo e o horror que sofrera ao se sentir, em casa de Hugo, caricaturado por Gustavo Doré: a caricatura —

a prostituição do semblante — como ele dizia horrorizado.

Ouviam-n' o recitar as belas peças de poesia parnasiâna, entre outros, Theophilo Dias, Raymundo Corrêa e o mais brilhante dos parnasiânicos, a glória mais pura da poesia brasileira contemporânea, cujo nome vejo brotar dos labios de todos e que não declino medroso de ofender a pureza de sua modestia, tão grande quanto o talento que orijinou a "Ode ao Sol".

E foi assim que se fundou entre nós a escola parnasiâna, de que Raymundo Corrêa foi um dos mais lídimos representantes.

Homem — personificação da bondade que se cristaliza no juiz que corrige, perdoando. Poeta mavioso — que entoou o mais empolgante hino ao Amor, em estâncias em que as mais belas idéas são vestidas da mais impecável fórmula. Conhecedor profundo das belezas de nossa língua. Estatuario da poesia, cincelador do verso, pintor de nossa natureza, músico das mais harmoniosas e sonoras rimas, Raymundo Corrêa foi glória puríssima das letras patrias: estilista, formista, fantasista, parnasiâno — injúrias de outros tempos; hoje títulos de invejáveis glórias.





